

Ordem do Dia

Rubem Braga

O último discurso de Churchill continua a levantar aqui e ali reparos às vezes bastante amargos. E não é para menos. Milhões de homens estão na ilha esperando a hora da invasão. Muitos e muitos milhares morrerão na certa para que os outros firmem pé no Continente, onde vão lutar contra Hitler. Churchill escolhe esse momento para fazer o elogio de um pupilo de Hitler, o general Franco. Dá-lhe medalha de bom comportamento. Promete que ele poderá ficar sossegado, se continuar a ser bonzinho.

Isso pode ser habilidade política, mas então será habilidade demais. Quando Churchill diz que esta guerra, á medida que se aproxima de seu desenlace, perde o seu caráter ideológico, está indo de encontro á verdade, mas acompanha, com certeza, os seus próprios desejos. O líder conservador inglês já começa a mudar de linguagem, como se agora temesse mais a paz do que a guerra. Dizer que o franquismo é uma questão de política interna da Espanha é falsificar os fatos de um modo tão escandaloso que se torna impossível acreditar que o próprio Churchill leve a sério o que está dizendo.

Nem pelas suas origens nem pelos seus fins o fascismo de Franco é uma questão interna. Quem implantou o fascismo na Espanha não foi o povo espanhol: foi uma camarilha ajudada pelos mouros, pelos nazistas, pelos fascistas e pelos pobres "viriatos" portugueses. O franquismo não foi uma revolução: foi uma invasão. Churchill não o ignora. Quanto aos seus fins, estamos vendo a todo momento, na América Latina, quais são eles. Estamos vendo em Buenos Aires. Estamos vendo nas conspirações abortadas em varias capitais: a falange, com a sua "hispanidad", substituindo os agentes nazistas expulsos. Vemos com toda clareza essa nova internacional fascista que se articula e fortalece, filhote da outra, sua pupila e socia, como Franco e socio e pupilo de Hitler.

Roosevelt procurou desmanchar a péssima impressão causada pelo discurso de Churchill declarando que "a Espanha ainda não reduziu suficientemente o volume de material estratégico destinado á Alemanha" e afirmando que em relação áquele país o governo dos Estados Unidos "trabalha, na base da situação criada pelo auxilio espanhol aos alemães." A senhora Roosevelt, sem as responsabilidades oficiais do marido, falou com mais franqueza: disse que Churchill "tem seus pontos de vista firmados ha sessenta anos e parece que não deseja mudar."

Não muda o sr. Churchill. Descobre azinhas nas costas de Franco como antigamente descobria virtudes e talentos raros no palerma Afonso XIII. Mas, a Inglaterra muda, o mundo muda. A Inglaterra escolheu Churchill para fazer a guerra, jogando fora Chamberlain com seu guarda-chuva empoeirado. No momento oportuno o charuto de Churchill também se apagará, porque ao invés que dar fogo para acender a mecha dos velhos canhões do heroísmo inglês só dará fumaça para aumentar a confusão. Nenhuma cortina de fumaça esconderá aos olhos do mundo os crimes repugnantes do fascismo na Espanha.

Churchill é importante; mas há alguma coisa mais importante do que Churchill: é a causa da libertação dos povos. E a Espanha não é apenas pouco de minério estratégico. É também um povo — e que alto e profundo, que fabuloso sagrado povo! Libertá-lo é um dever e é também uma necessidade. Os homens que ajudaram Mussolini e Hitler levaram o mundo á guerra mais desgraçada e sangrenta da historia. A mocidade inglesa está pagando com "suor, sangue e lagrimas" esse erro criminoso de seus velhos políticos. Ela não acompanhará Churchill nessa política de engordar Francisco Franco.